



FORMAÇÃO CIDADÃ: VIVÊNCIAS, REFERÊNCIAS E REFLEXÕES PARA CONSTRUÇÃO DE ATITUDES SUSTENTÁVEIS

KALI RIBEIRO DE ALBUQUERQUE DECKERS

RESUMO

As relações de convívio desenvolvidas entre os elementos vivos e não vivos do planeta são determinantes para a manutenção de seu equilíbrio. Nos dias de hoje já se tornam urgentes as mudanças de hábitos e o modo de viver que foram adquiridos ao longo dos anos de globalização e desenvolvimento predatório. O estudo foi elaborado no período da pandemia de Covid-19, sendo assim considerado uma aplicação de formulário remoto, realizado por meio da plataforma *Google forms*, contendo neste três etapas distintas que se relacionam, sendo elas a educação ambiental, pegada ecológica e os objetivos do desenvolvimento sustentável. Foram abordados em busca da percepção sobre a atual relação entre os participantes e o ambiente, além de seus comportamentos diante das questões socioambientais. Trazemos aqui o foco a terceira etapa do formulário, com uma abordagem subjetiva a partir dos questionamentos e questões abertas. Buscando assim identificar tais atitudes adotadas tanto no âmbito pessoal e coletivo, dentre sua formação a partir das experiências de vida geradas pelas relações sociais e outros contextos formativos individuais. Na grande maioria ainda apresentamos impactos negativos superiores à capacidade de regeneração da Terra, mas reforça-se a importância das vivências e trocas de saberes formais e informais na busca da reconexão com a natureza. Apresentamos uma forte sensibilidade e preocupação para com o ambiente e seus elementos, mesmo representando uma baixa atuação individual, é necessária, somada a implementação de políticas públicas que possam facilitar e garantir um planejamento urbano social e ambientalmente saudáveis e justos para todas e todos.

Palavras-chave: educação ambiental; participação social; sensibilização ambiental.

1 INTRODUÇÃO

As crises climáticas e socioambientais estão batendo em nossas portas. E 2021 foi um ano de demonstração sobre como, os fatos que vêm sendo alertados e discutidos pela comunidade científica há tempos, sobre as consequências das ações antrópicas, podem impactar negativamente a sociedade como um todo. Infelizmente, os grupos que mais sofrem com as consequências dos efeitos ambientais negativos, são as mesmas que carregaram o peso da injustiça ambiental; os mais afetados são os povos e comunidades tradicionais (Decreto 6.040 / 2007), ou populações que ocupam áreas periféricas dos grandes centros urbanos, normalmente pouco ou completamente desassistidas pelos órgãos governamentais. Além disso, há de se considerar todas as formas de vida que ocupam e resistem em nosso planeta, cujos princípios da biologia da conservação (PRIMACK; RO DRIGES, 2001) defendem

seus valores éticos, de existência. No entanto, lidamos com uma realidade na qual uma menor parcela da população mundial segue sendo a maior responsável por devastações ambientais, mas pode encontrar meios para proteger-se atrás de suas residências muradas, bons acessos a transporte, saneamento e lazer (SANTANA; FARIAS, 2021). Como descreve a autora Rachel Carson, em seu livro clássico “Primavera Silenciosa” publicado em 1962: “A rapidez da mudança e a velocidade com que novas situações se criam acompanham o ritmo impetuoso e insensato do Homem, ao invés de acompanhar o passo deliberado da Natureza”. Estas discussões sobre as relações sociedade e natureza perduram aos dias de hoje, ainda sem consensos ou alcance do equilíbrio necessário, para manutenção da biodiversidade ambiental e sociocultural. Nesse contexto, o presente estudo busca identificar e analisar elementos a partir das vivências individuais, que possam se refletir em diferentes formas de organização social. Pretende assim, ampliar a discussão sobre componentes que auxiliam nos processos de uma formação cidadã, plena e atuante, com foco em contínua melhoria do coletivo.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Utilizada de uma metodologia participativa, por meio da aplicação de um formulário semiestruturado, pela plataforma Google forms, em decorrência do distanciamento necessário pelas condições sanitárias decorrentes da pandemia de Covid-19. O formulário aplicado de forma remota permite alcançar públicos distintos e distantes, ampliando a possibilidade de diversidade das respostas. Por outro lado, é preciso considerar o acesso necessário dos respondentes, à rede de internet. O formulário continha três etapas, abordando questões sociodemográficas, o conceito de pegada ecológica e perguntas subjetivas a respeito da relação indivíduo-natureza, sendo esse último o foco deste resumo. O link para acesso foi divulgado por redes sociais (Instagram, WhatsApp, Email), ficando disponível entre o dia 13 de outubro e 03 de novembro de 2021 (21 dias). Foi explicado o objetivo da pesquisa, assegurado anonimato, uso das respostas apenas com fins acadêmicos, sendo a participação voluntária. Ainda, foi solicitada a participação apenas de pessoas maiores de 18 anos. Para elaboração de material visual, foram ainda utilizados programas gratuitos, disponíveis online, “WordArt” (www.wordart.com), utilizado para representação gráfica de palavras mais representativas sobre a relação individual com o ambiente. As informações foram analisadas de forma individual e coletiva, de acordo aos temas abordados. A última questão do formulário solicitava o compartilhamento de experiências e/ou sugestões para melhorias na cidade. Um quadro agrupando-se categorias similares de respostas foi elaborado, considerando-se, os eixos “individuais”, “coletivos” e “governamentais”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisando a etapa subjetiva, ao ser solicitado que fossem apresentadas três palavras que representassem a natureza para os participantes, as mais citadas foram “vida” e “paz”, que juntas somaram 57,7% das respostas. Outras palavras citadas e suas frequências absolutas foram: liberdade (9), saúde (8), conexão (8), diversidade (7), lar (7), equilíbrio (6) e beleza (6) (Figura 1).



Figura 1 - Representação gráfica das palavras mais frequentemente citadas pelos participantes deste estudo, em relação ao significado de “natureza”. Elaborado pela autora (2022).

As palavras mais utilizadas para caracterizar o significado de natureza pelos participantes deste estudo, permearam o sentido de qualidade de vida. Referências a moradia, bem-estar e saúde, somaram-se às características como “liberdade, conexão, harmonia, diversidade e equilíbrio”.

A maioria das palavras citadas agregam significados profundos e intensos, muitos relacionados inclusive, a serviços ecossistêmicos fornecidos pelos ambientes naturais. Mas expressar que a natureza tenha uma representação tão intensa em qualidades, demonstra uma contradição entre o que é dito e o que de fato se pratica.

Um total de 32 pessoas (27,6%) afirmou fazer parte de coletivos ou movimentos socioambientais, enquanto 84 (72,4%) expressaram não fazer parte. Dentre os que participam, expressaram envolvimento em entidades ou ações localizadas no Estado do Ceará, São Paulo e no Distrito Federal.

Na abordagem sobre fontes de influência para o despertar para questões ambientais durante a vida, foram mencionadas “Família” e “Eu mesmo(a)”, como maiores representações (28,4%), seguidos de “Amigos” (21,5%) e “Personalidade Pública” (6,8%). Outras fontes foram “professores”, com quatro citações, e a “bíblia”, com uma única indicação. Experiências ou situações transformadoras relatadas, em relação à natureza, foram agrupadas em seis categorias: ensino/aprendizagem; contato com a natureza; alimentação; família; esporte; ativismo/vivências marcantes. Alguns relatos registrados para “ativismo/vivências marcantes” foram:

“A pandemia da COVID-19 me fez sair da mediocridade para começar mudanças na minha relação com o meio onde vivo, e a valorizar atitudes que visem preservar ou recuperar o meio ambiente.” “Corte de árvore que tinha um ninho de pássaro com filhotes”. “Criei em cativeiro (gaiola) pássaros silvestres. Há bastante tempo deixei esta prática. Graças a Deus!” “Nas minhas viagens para o interior, eu percebia muitos amontoados de lixo em alguns riachos e outros locais que passava. Sempre me questionava o porquê daquilo e coloquei como meta entrar em algum curso para mudar isso. Escolhi a área da educação, pois assim como a natureza significa transformação para mim, educação também!” “As crises psicológicas me aproximaram mais da natureza”.

Neste item também foram relatadas sete experiências pontuadas pelo contato familiar, principalmente com avós. Mas a experiência através do ensino/aprendizagem foi a de maior reincidência (18,9%), seguida por experiências transformadoras por meio do contato com a natureza (17,2%). A alimentação (vegetariana/vegana) trouxe três relatos e o surf, como único esporte citado no formulário, com duas indicações.

No último item, algumas sugestões apontadas pelos participantes foram categorizadas em ações que podem ser realizadas de forma individual, coletiva ou dependentes de ações governamentais (Quadro 1).

Quadro 1 - Sugestão registradas pelos participantes deste estudo, categorizadas em ações que podem ser realizadas de forma individual, coletiva ou dependentes de ações governamentais.

Ações sugeridas
1. Individuais
1.1 Aderir a ecobags (bolsas ou sacolas reutilizáveis, confeccionadas com recicláveis).
1.2 Segurança alimentar (Alimentos acessíveis e de qualidade).
2. Coletivas
2.1 Compartilhar a tarefa de cuidar de espaços coletivos com outros moradores.
2.2 Unir movimentos do campo e da cidade.
2.3 Espaços comuns de prática da agroecologia, com hortas e árvores nativas nos bairros
2.4 Engajar mais a população em iniciativas e projetos socioambientais.
3. Governamentais
3.1 Representação política e engajamento com a questão do lixo urbano e seu descarte
3.2 Educação ambiental dialogando com a população.
3.3 Turismo Sustentável (geração de renda, educação ambiental e conservação do local)
3.4 Mais espaço para a venda de produtos locais do que para supermercados e shoppings.
3.5 Energia solar (nas casas, shoppings, estádios, semáforos, etc.).
3.6 Sistema de trens e metros, deviam ter rotas mais amplas.
3.7 Projeto de arborização em suas ruas, avenidas e praças.
3.8 Aumentar calçadas estimulando o transporte a pé.
3.9 Aproveitamento da biomassa para gerar biogás e/ou adubo em escolas, shoppings, etc.
3.10 Vigilância mais rígida em relação as poluições.
3.12 Incentivo a comunidades/cooperativas a produção e consumo de alimentos de qualidade
3.15 Preservação de áreas verdes já existentes.
3.16 Melhoria no saneamento básico e mobilidade urbana em áreas não centrais.
3.19 Cuidado e preocupação com os animais silvestres

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A participação em movimentos socioambientais aproxima a sociedade às lutas por justiça social e conservação da biodiversidade (BALIM; MENDES; MOTA, 2014; COSTA, 2012) pois alertam para questões coletivas. Um levantamento realizado com grupo religioso católico descreveu definições como “altruísmo”; “auxílio a sujeitos e comunidades”; “contribuição para o bem-estar social”; “interação grupal”; “auto-imagem”; sendo motivadoras para a participação voluntária (CAVALCANTE; SOUZA; MÓL, 2015). O ciberativismo ou ativismo digital atua como propulsor de participação pela sociedade contemporânea, potencializando o empoderamento de algumas questões atuais, mas ainda se configura como suporte ou complementar a ações presenciais. Essa interação e

participação são diretamente associadas ao exercício da cidadania, do fazer político, do ser social (FONSECA; SILVA; FILHO, 2017). Porém, apesar das várias fontes de motivação e disponibilidades de formas de participação em diversos, foi registrada uma baixa adesão em movimentos socioambientais, pelos participantes deste estudo. Visto que a maioria dos entrevistados já concluíram ou estão concluindo suas formações em áreas das ciências naturais, seria esperado maior adesão a processos coletivos. Conforme Boff (2005) o cuidado é reflexo da abertura de sentimentos, expressando-se por respeito, preocupação, afeto ou sentido de responsabilidade, com o outro ou consigo mesmo. Sendo capaz de reviver uma relação acordada entre os que compõem a natureza. Krenak (2020) também defende que essa relação intrínseca entre a natureza, que é o todo, e seus elementos, que surgiram a partir dela, nos permite, além de sermos uma parte, pensarmos junto a ela, aprender e vivenciar trocas reais. Onde além de estarmos fazendo uso, tirando partes, somos partes inteligentes de um organismo também inteligente. Segundo Evangelista (2020) a importância da conexão com a natureza vai além dos conhecimentos formais que podem ser aprendidos, estabelecendo vínculos, que complementam o desenvolvimento do indivíduo. De fato, os participantes desta pesquisa reconheceram a necessidade de desenvolverem “um olhar mais cuidadoso e respeitoso para com a natureza”. Relações familiares, entre amigos e por formadores também demonstraram ser de grande influência nos processos de ensino/aprendizagem, de respeito mútuo, nas ações voltadas à coletividade, as quais são de fator essenciais e determinantes para uma boa relação com o mundo e sua diversidade (RAMOS, 2014; NEUWALD, 2018), biológica e sociocultural. O contato com áreas verdes e a prática de esportes costumam estar associados a melhorias na qualidade de vida, possibilitando alterações na rotina e percepções aprofundadas do ambiente natural. São fundamentais e devem ser incentivados espaços para estas vivências coletivas, especialmente em áreas urbanas (ZUCCO, 2002). Desta forma, essas interações e frequentes usos de ambientes abertos, preservados ou verdes agregam o sentido de pertencimento e assim a vontade de cuidar. Uma das ferramentas adequadas para alcance destes objetivos, é a educação ambiental. Conforme Rosa et al (2015) a educação ambiental:

[...] é compreendida como uma estratégia de reflexão para a sociedade ou grupo pelo qual é desenvolvida no intuito de novamente estabelecer valores e criar uma nova identidade ao indivíduo, considerando que este só poderá ser formado de modo a demonstrar o amadurecimento ambiental com base em um projeto que o insira como formador de opinião e não apenas como cumpridor de ordens ou regras. Sobretudo, lhe permita fazer parte do problema, o que lhe dá possibilidade de se enxergar como uma das chaves para a solução.

Propostas poderiam ser implementadas, para além das já previstas na Política Nacional de Educação Ambiental (Lei N o 9.795, DE 27 DE ABRIL DE 1999). O conceito de “Cidades educadoras” (GADOTTI, 2006) defende o exercício da cidadania plena, incentivada pela auto-organização, preservação da história coletiva, valorização da cultura e memória local, com espaços de convivência que possibilitem trocas entre os indivíduos, as estruturas e seus percursos. Corroborando aos espaços naturais, o conceito de permacultura poderia ser mais praticado (MOLLINSON, 1991); envolve princípios para uma otimização nas condições de produção de alimentos, dos espaços físicos, consumo de água e energia, aproveitando do solo, baseados em suas características locais. Aposta na simplificação dos

processos, a partir da observação e “imitação” dos processos naturais, colocando o ser humano como auxiliador desses mecanismos.

4 CONCLUSÃO

As relações interpessoais, sejam atividades coletivas, ensinamentos repassados e vivências pessoais com o ambiente se mostraram essenciais para a manutenção dessa percepção em prol da reconexão com a natureza. Se faz necessário compartilhamentos de informações sobre as relações ecossistêmicas, junto a uma educação ambiental permanente e diversificada englobando os setores educacionais, empresariais e industriais, e suporte às práticas saudáveis de consumo, deslocamentos e permanência nos ambientes, além do subsídio para desenvolver práticas coletivas transformadoras. São percebidas contradições em relação as práticas realizadas mesmo tendo sensibilidade para a necessidade e importância das mudanças de hábitos. Algumas atitudes já estão sendo adotadas, mas ainda restritas a práticas individuais, onde o maior olhar está para as cobranças governamentais.

REFERÊNCIAS

BALIM, A. P. C.; MENDES, C. M. da R.; MOTA, L. R. **O despertar da justiça ambiental: dos movimentos ambientais aos socioambientais.** XI Seminário Internacional de demandas sociais e políticas públicas na sociedade contemporânea, 2014. Disponível em:

<<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/11736/1586>> Acesso em: 22 jan. 2022.

BRASIL. DECRETO Nº 6.040, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007. **Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.**

Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm> Acesso em: 30 jan. 2022.

BRASIL. LEI No 9.795, DE 27 DE ABRIL DE 1999. **Institui a Política Nacional de Educação Ambiental.** Disponível em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm#:~:text=LEI%20No%209.795%2C%2

[DE%2027%20DE%20ABRIL%20DE%201999.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20e](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm#:~:text=LEI%20No%209.795%2C%2DE%2027%20DE%20ABRIL%20DE%201999.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20e)

[duca%C3%A7%C3%A3o%20ambiental,Ambiental%20e%20d%C3%A1%20outras%20provi d%C3%A4ncias..>](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm#:~:text=LEI%20No%209.795%2C%2DE%2027%20DE%20ABRIL%20DE%201999.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20e) Acesso em: 30 jan. 2022.

BOFF, L. **O cuidado essencial: principio de um novo ethos.** Brasília, 2005. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1503>> Acesso em: 06 fev. 2022.

CARSON, R. **Primavera Silenciosa.** Edições Melhoramentos: São Paulo, 1969.

Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://biowit.files.wordpress.com/2010/11/pri_mavera_silenciosa_-_rachel_carson_-_pt.pdf> Acesso em: 20 dez. 2021.

CAVALCANTE, C. E.; SOUZA, W. J. de; MÓL, A. L. R. **Motivação de voluntários:**

proposição de um modelo teórico. RAM. Revista de administração Mackenzie, v. 16, n. 1, 2015. Disponível em: Acesso em: 22 jan. 2022.

EVANGELISTA, M. M. **A pedagogia da natureza**. Cáceres, MT : Instituto Sustentar de Responsabilidade Socioambiental, 2020. Disponível em: Acesso em: 10 ago. 2021.

FONSECA, S. M. M. da; SILVA, A. P. da; FILHO, J. G. de A. T. **O Impacto do Ciberativismo no Processo de Empoderamento: O Uso de Redes Sociais e o Exercício da Cidadania**. Editora Unijuí, n. 41, 2017.

GADOTTI, M. A escola na cidade que educa. **Cadernos Cenpec** | Nova série, [S.l.], v. 1, n. 1, may 2006. ISSN 2237-9983

KRENAK, A. **Caminhos para a cultura do Bem Viver**. 2020.

MOLLISON, B. Introdução a Permacultura. YANKEE PERMACULTURE Centro de Permacultura Barking Frogs.

NEUWALD, M. C. **Educação ambiental nas famílias: Interfaces entre as práticas parentais e os saberes ambientais**. Programa De Pós-Graduação Em Educação Ambiental PPGEA/FURG, 2018. Disponível em: Acesso em: 23 jan. 2022.

PRIMACK, R. B; RODRIGES, E. **Biologia da conservação**. Editora Planta: Londrina, 2001. Disponível em: <
https://www.academia.edu/40644193/Biologia_da_Conserva%C3%A7%C3%A3o_Primack_and_Rodrigues> Acesso em: 31 jan. 2022.

RAMOS, A. C. Sobre avós, netos e cidades: Entrelaçando relações intergeracionais e experiências urbanas na infância. **Educ. Soc.** 35, 2014 Disponível em: Acesso em: 23 jan. 2022.

ROSA, T. da S.; MENDONÇA, M. B.; MONTEIRO, T. G.; SOUZA, R. M. de; LUCENA, R. **A educação ambiental como estratégia para a redução de riscos socioambientais**. Ambiente & Sociedade n São Paulo v. XVIII, n. 3, 2015. Disponível em: Acesso em: 24 jan. 2022.

SANTANA, J. S.; FARIAS, U. P. L. de. **Racismo Ambiental: a divisão racial da cidade de Salvador e os impactos ambientais**. Educação Sem Distância. Rio de Janeiro, n.4, dez. 2021. Disponível em: Acesso em: 30 jan. 2022.

ZUCCO, F. D.; MESQUITA, A.; PILLA, A. Surf–Um Mercado em Evolução. XXV **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** : Salvador/ BA, 2002. Disponível em: Acesso em: 23 jan. 2022.